

ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS RACIALIDADES NA GEOGRAFIA BRASILEIRA PRODUZIDA POR MULHERES

Cíntia Cristina Lisboa da Silva¹
Adir Fellipe Silva Santos²

RESUMO

A proposta deste trabalho consiste em entender a maneira como as racialidades foram interpretadas pela produção científica na ciência geográfica brasileira, a partir das feminilidades. Um levantamento foi realizado em 98 periódicos nacionais da geografia, entre 1939 a 2019, contendo 25.430 artigos, e, destes, apenas 1,8% fazem uma discussão sobre racialidades, sendo somente 452 artigos. Podemos identificar uma geografia descorporificada e pautada em pressupostos da neutralidade científica, indo na contramão de uma geografia encarnada, o que por sua vez nos indica os aspectos coloniais ao qual a ciência geográfica brasileira está fortemente ancorada.

PALAVRAS-CHAVE: Produção científica; Geografia brasileira; Interseccionalidade; Mulheres; Redes.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho evidenciamos a compreensão de como as racialidades foram interpretadas pela produção científica produzida por mulheres na geografia brasileira. Tais caminhos investigativos foram constituídos pelo fato de que há necessidade de criar visibilidades específicas em uma produção geográfica que é hegemonicamente descorporificada, branca e masculina como argumentado por diversas/os pesquisadoras/es, como Joseli Silva (2009), Tamires Cesar (2015, 2019) e Joseli Silva, Tamires Cesar e Vagner Pinto (2020).

As geografias feministas necessitam ter a raça como um importante horizonte de análise, assim como as geografias negras necessitam trazer o gênero e as sexualidades como elementos de compreensão do espaço, como já argumentado por

¹ Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia e Diversidades e História do Pensamento Geográfico, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência, epistemologia da geografia, geografias feministas, geografias negras e interseccionalidade. Correio eletrônico: cintia.slisboa@gmail.com.

² Doutorando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia e Diversidades e História do Pensamento Geográfico, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência, epistemologia da geografia. Correio eletrônico: adirfellipe@gmail.com.

Lorena Souza (2007), Lorena Souza e Alex Ratts (2008, 2009) e Joseli Silva e Maria das Graças Silva (2014).

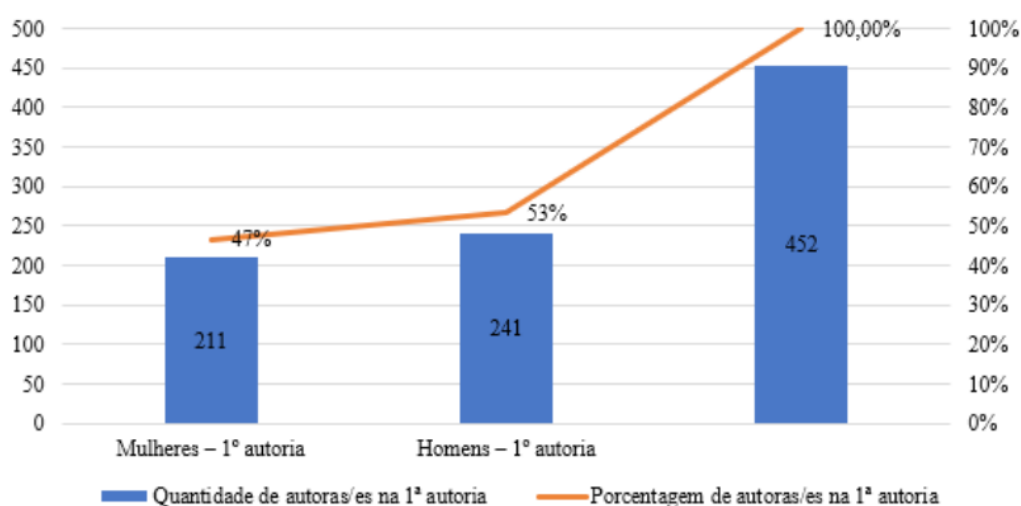
Assim, este trabalho traz uma discussão dos temas e conceitos que sustentam o campo das geografias com enfoque racial produzida por mulheres, nos indicando um campo científico geográfico brasileiro que tem se dado de forma descorporificada e em pressupostos da colonialidade científica, almejando ser neutro, universal e racional.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A lente de interpretação deste trabalho está pautada nas geografias subversivas (SILVA, 2009), tendo em vista o reconhecimento da necessidade de uma abertura a multiplicidade sobre as análises dos fenômenos geográficos, em especial via uma geografia corporificada. Aqui abordaremos tais aspectos em uma análise conjunta entre gênero e raça na geografia brasileira.

Observamos que o caráter androcêntrico presente na ciência, assim como na geografia (SILVA, 2009; CESAR, 2019), tem reproduzido uma maior presença masculina na produção e reconhecimento científico, presente nos artigos do conhecimento geográfico, como demonstrado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Divisão por gênero da primeira autoria dos artigos sobre racialidades na geografia brasileira entre 1939 e 2019.



Fonte: Dados sistematizados pela autora via OGB, 2021.

Ao propormos uma divisão por gênero (feminino X masculino) das primeiras autorias dos artigos *online* sobre racialidades, é perceptível o caráter androcêntrico da ciência moderna que se reproduz em diversas escalas, seja na ciência geográfica como



um campo do conhecimento, mas também em subcampos dentro da própria geografia, como já havia sido apontada na literatura da geografia feminista (SILVA, 2009).

Apesar de não ser uma diferença considerada tão grande, apenas 6% de homens a mais, isso representa uma característica maior da nossa sociedade, calcada em relações sexistas, misóginas e patriarcais, onde a maioria dos espaços públicos e de prestígio são ocupados por homens cis e héteros. Os homens são a maioria na geografia que discute sobre a questão racial (ainda que com uma porcentagem pequena). Mas também são super-representados na geografia e na ciência como um todo, além de ambientes fora os acadêmicos, como na política, nos cargos de liderança, etc.

Os 211 artigos produzidos por mulheres na primeira autoria foram analisados a partir das palavras-chave para identificar as temáticas hegemônicas de interesse feminino. Compreendemos que as palavras-chaves se configuram estratégicos para a busca e apresentação das principais ideias tratadas em um artigo.

Tal metodologia se encontra detalhada no artigo *Ofício, Engenho e Arte: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos*, escrito por Edson Silva e Joseli Silva, em 2016, e no artigo *Técnicas de Análise de Conteúdo: Experiências de Pesquisas Desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Territoriais*, escrito em 2017, por Edson Silva, João Paulo de Almeida, Joseli Silva e Mayã Campos. Essa metodologia consiste na análise e elaboração de redes sociais a partir das palavras-chave.

Apresentaremos no tópico a seguir os resultados via análise de redes sobre o conteúdo da produção científica da geografia com enfoque racial que tenha sido produzida por mulheres entre 1939 e 2019.

RESULTADOS

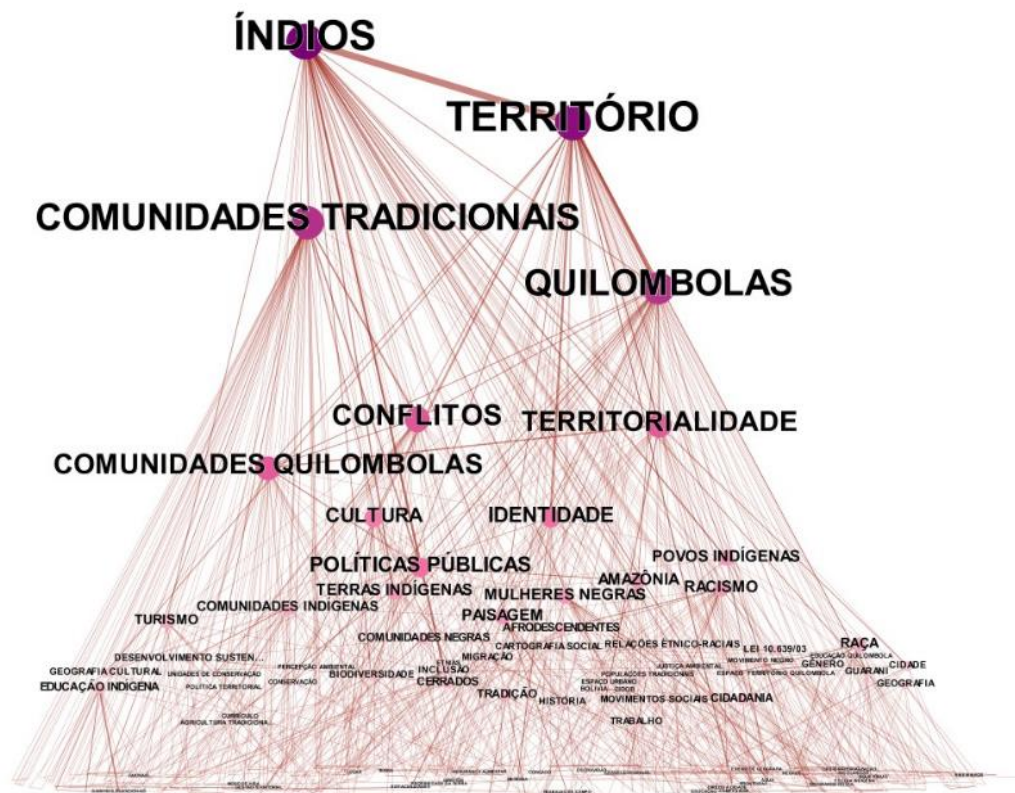
Aprofundando a análise a partir das palavras-chave utilizadas na identificação dos 211 trabalhos sobre racialidades publicados em periódicos *online* da geografia brasileira escritos por mulheres na primeira autoria. Geramos redes topológicas e modulares que nos permitem a identificação das hierarquias e as relações mais próximas constituídas nos artigos.

A análise topológica da rede unimodal de palavras-chave (grafo 1) identifica as palavras-chave mais importantes por métricas de centralidade de grau e as conexões mais significativas identificadas por peso das arestas. Isso quer dizer que as palavras mais importantes estão no topo da rede topológica, enquanto as linhas que ligam as

palavras-chave são as arestas, e quanto mais grossa e visível for a linha, mais ligação essa palavra teve com outras palavras utilizadas.

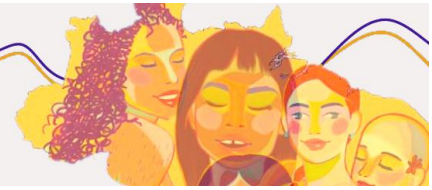
Desta maneira podemos identificar que as palavras mais centrais, que são as mais utilizadas nos artigos, são: 'índios', 'território', 'comunidades tradicionais', 'quilombolas', 'conflitos', 'territorialidade' e 'comunidade quilombola'.

Gráfico 2 - Rede topológica das palavras-chave com maior centralidade de intermediação na produção feminina



Fonte: Dados sistematizados pela autora via OGB, 2021.

Observamos que a entrada da discussão racial na geografia brasileira está fortemente atrelada aos estudos junto as comunidades tradicionais. Mas esses estudos, de forma geral, não apresentam uma análise crítica e antirracista desta dimensão espacial. A discussão presente nos artigos, se aproxima de um debate cultural acrítico ou da identificação e mapeamento de terras tradicionais, muitas vezes apresentando a existência de conflitos por meio das esferas institucionais e legais, sem se atentar a outras dimensões e relações de poder que tais pessoas vivenciam, em especial



negando visibilidade as relações que se dão perpassando pela linguagem e leitura corporal. Novamente temos uma geografia descorporificada, que fala de índios, vistos pelo Estado, mas não de indígenas, como sujeitas/os múltiplas/os e complexas/os.

Outra informação que identificamos em diálogo com a teoria é que palavras como 'gênero', 'raça', 'racismo', 'mulheres negras', figuram mais próximo da base da rede topológica. Em relação a gênero, ela possui a menor centralidade se comparado às outras palavras, o que pode ser entendido como as palavras-chave mais periféricas dos 211 trabalhos.

Isso nos leva a refletir sobre a dificuldade de aceitação, divulgação e afirmação de tais debates na ciência geográfica. Lembrando o que nos diz as geografias feministas e as geografias negras, falar de gênero e de raça na geografia, e em outras ciências, não necessariamente transforma o trabalho em crítico nas perspectivas feministas e antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência considerada hegemônica, aquela que cria e mantém as normas, também entendida enquanto ciência moderna, dispõe de uma prática específica que privilegia determinados corpos, temas, teorias, conceitos, métodos, metodologias, etc. Assim, cria, por sua vez, um perfil representativo do conhecimento legitimado e validado, diante as normas e grande parte da sociedade.

A geografia que se preocupa com os impactos do corpo no consumo e produção espacial, considerada uma geografia corporificada, como: as geografias feministas, geografias negras, geografias da sexualidade, geografia decolonial, já vem apontando como a dimensão corpórea é fundamental para entendermos como o corpo, enquanto materialidade mediadora na sociedade, intervém em práticas espaciais distintas. A partir deste pensamento, nos atentamos a uma leitura espacial de acordo com as especificidades de quais corpos são presentes ou ausentes, de quais corpos consomem ou não consomem o espaço, seja por raça, etnia, gênero, faixa etária, porte físico, classe, e demais leituras sociais que podem se dar a partir de um corpo.

Os temas, conceitos e palavras-chave utilizados na produção onde as mulheres são primeiras autoras, no campo das geografias com enfoque racial, vão de acordo com a proposta de uma ciência moderna que objetiva ser neutra, universal e racional. Nossos resultados mostram que são trabalhos que falam de quilombos e quilombolas, de 'índios', de caiçaras, e comunidades tradicionais no geral, mas fortemente atrelados a



dimensão territorial de tais grupos, desenvolvendo trabalhos em relação a dinâmica sociedade-natureza, e não aprofundando um debate crítico sobre o racismo e na perspectiva antirracista.

REFERÊNCIAS

- CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão do Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015. 140p.
- CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **Gênero, trajetórias acadêmicas de mulheres e homens e a centralidade na produção do conhecimento geográfico brasileiro**. 2019. Tese (Doutorado) – Doutorado em Geografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. 292p.
- SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria. Ofício, engenho e arte: Inspiração e técnica na análise de dados qualitativos. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 7, n. 1, p. 132 – 154, 2016.
- SILVA, Edson Armando; et al. Técnicas de análise de conteúdo: Experiências de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Territoriais. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 401 – 425, 2017.
- SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25 – 54.
- SILVA, Joseli Maria; SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico. In: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria (Orgs.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2014, p. 17 – 38.
- SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner André Moraes. Fazendo Geografias Feministas: apontamentos sobre desobediências epistemológicas. In: ALVES, Flamarion Dutra; AZEVEDO, Sandra de Castro (Orgs). **Análises geográficas sobre o território brasileiro: Dilemas estruturais à Covid-19**. Editora UNIFAL – MG, p. 14 - 29, 2020.
- SOUZA, Lorena Francisco de. Mulher Negra, Espacialidade e Representações: Dimensões raciais e de gênero na ciência geográfica. In: II Colóquio Nacional do NEER: Espaços Culturais: Vivências, imaginações e representações, 2007. Salvador. **Anais eletrônicos**...Salvador: 2007. p. 1 – 15. Disponível em: http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/autor_1.html. Acessado em: 30.08.2020
- SOUZA, Lorena Francisco de; RATTIS, Alecsandro José Prudêncio. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 28, n. 1, p. 143 - 156, 2008.

8º COLÓQUIO
MULHERES E SOCIEDADE *19 e 20 de abril*

ISSN 2317-2665



SOUZA, Lorena Francisco de; RATTIS, Alex. Espaço, cultura e poder: Gênero e raça em análise na geografia. **Ateliê Geográfico**, v. 3, n. 1 p. 97 – 110, 2009.